

Entrevista: Afonso Medeiros

Por: Ana Paula Sabiá¹

Afonso Medeiros, professor associado de Estética e História da Arte do Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará, coordenador do Grupo de Pesquisa "Arte, Corpo e Conhecimento" do PPG-Artes/ICA/UFGA/CNPq da UFGA, autor de vasta bibliografia, experimentou ainda maior notoriedade há poucas semanas em consequência de sua postagem pública - em seu perfil do Facebook - a respeito da censura imposta às artes e artistas expoentes da mostra Queermuseu, que estava abrigada em uma fundação cultural de um banco internacional, em Porto Alegre. O polêmico fechamento antecipado da exposição, com um mês antes da data prevista, foi uma ação premeditada de protestos movidos pelos líderes e apoiadores do Movimento Brasil Livre (MBL) ocasionando polêmicas e depoimentos mal informados com consequências em torno de questões que esbarram em conceitos, ou a falta deles, sobre o que é arte, a função da arte, o público de arte, o juízo de gosto, a moralidade da arte, a estética da arte, arte contemporânea, entre outros.

Em sua clara e objetiva crítica sobre esse grupo - que condena censura às artes e às/aos artistas contemporâneas/os - muito bem fundamentada na história e crítica da arte, com pitadas de ironia ácida e bem humorada características de um professor apaixonado pelo que faz, sua postagem em poucas horas atingiu diretamente mais de 2.400.000 curtidas, foi compartilhada mais de 2.210 vezes e obteve mais de 140 comentários. Tornou-se, no jargão da comunicação virtual, viral. Foi replicada para além da rede de origem em outros blogs de notícias e assuntos variados.

ISSN: 2175-2346

1 anasabia.as@gmail.com

Relate um pouco da experiência de tornar-se uma espécie de celebridade nas redes sociais virtuais e a consequência dessa visibilidade na tua vida profissional a partir dessa dimensão pública, com inúmeros novos seguidores, pedidos de amizade virtual, comentários de toda natureza.

Fui informado por amigos gaúchos sobre as críticas conservadoras desde o primeiro momento (6 de setembro) e quando o banco lançou a nota de suspensão unilateral da mostra eu já estava bem informado. O texto “A história da arte não é história da carochinha. O museu não é playground ou igreja” foi publicado na minha timeline do facebook ainda no dia 10 e, nessa mesma noite, replicado numa revista online de grande circulação com o meu nome no título da matéria. A partir daí, fui convidado para entrevistas em vários tipos de mídias e, logo em seguida, foi organizada uma mesa redonda comigo e com os professores Ernani Chaves e Regina Alves (ambos da UFPA), que lotou o auditório do PPGArtes/UFPA. Creio que o fato de ter muitos alunos, ex-alunos e colegas de diversos campos da arte na minha TL contribuiu para o efeito “viral”, mas a maioria dos convites para entrevistas e palestras partiu de colegas que sabem que venho pesquisando sobre erotismo e pornografia na arte há muito tempo. Apesar de saber que essa visibilidade momentânea se deu por causa de uma conjunção de fatores – entre eles o fato de meu texto ter se configurado como uma resposta imediata um tanto quanto distanciada do opinismo barato que viceja que nas redes – confesso que a “viralização” me surpreendeu e trouxe uma percepção mais acurada do que é ser um “intelectual público” em tempos de redes sociais. Por um lado, me tornei uma espécie de “antena” do assunto, visto que muitos passaram a me enviar notícias e artigos sobre casos de censura na/da arte. Por outro, aumentou e muito a responsabilidade por perceber que as pessoas esperam que você aja como uma espécie de “filtro”, separando as fake news das matérias pertinentes. De modo geral, percebi que as pessoas estão cansadas dos clichês partilhados e isso motivou outras postagens dirigidas principalmente ao público em geral, mas não penso em abrir blogs ou coisas do gênero e não pretendo me tornar um youtuber. Definitivamente, não tenho a ilusão que costuma acometer celebridades instantâneas, mas acho que nossa atuação nas redes sociais pode tornar mais maleáveis os muros universitários. A tarefa de um professor é mais ampla do que “se dirigir aos pares”.

Como foi/está sendo enfrentar os desafetos e represálias contra tuas ideias e posicionamento ali expostos, tanto virtualmente quanto presencialmente em sala de aula?

A primeira consequência foi o aumento substancial de pedidos de novas amizades virtuais e isso acarreta um cuidado imenso. Muitos pedidos eram claramente de pessoas que não concordam com minhas posições políticas e estéticas, mas como tenho por princípio não aceitar perfis sem que, antes, eu passe um pente fino no mesmo, não senti retaliações extremas. Ao contrário, passei a entrar em contato com um número bem maior de profissionais do mundo da arte. Mas tive (e continuo tendo)

embates virtuais “quentes” com muitos, particularmente com aqueles que têm uma indisfarçável ojeriza à arte contemporânea – cheguei a ler que a arte “só presta da pré-história à Semana de 22” (sic). Como sabemos, os debates nas redes sociais podem atingir um nível de agressividade extremo, mas pessoalmente fui pouco atingido na minha página. O debate foi muito mais acirrado nas páginas de amigos que replicaram meu post e eu me senti na obrigação de desdobrar a discussão em várias frentes – ataques pessoais, claro, não faltaram. Em meio a esse debate, uma coisa ficou clara para mim: muitos profissionais da arte e de seu ensino, velada ou explicitamente, deixaram-se levar pela histeria neoconservadora e, para minha surpresa (e tristeza), não são poucos os profissionais da arte que não conseguem perceber a dimensão metafórica e poética de muitas obras e – o que é pior –, estão “ensinando” arte numa dimensão literal francamente empobrecedora. Não pude sentir o feed back da sala de aula, visto que estou de licença para estágio pós-doutoral, mas prevejo um debate acirrado quando retomar as atividades, a exemplo do que já vem ocorrendo nas redes sociais. Presumo que os desafetos e as represálias serão sentidas mais profundamente a médio e longo prazo e em vários níveis – afinal de contas, vivemos um tsunami conservador sem precedentes na história recente do país.

Acompanhando tuas postagens no Facebook soube que vocês do teu grupo de pesquisa da UFPA, pouco depois dessa polêmica sobre a censura à mostra Queermuseu, organizaram e promoveram uma série de ações artísticas, educativas e culturais que potencializaram o debate e a reflexão junto à comunidade acadêmica. Como percebes o posicionamento dos jovens estudantes de artes a partir dos acontecimentos recentes?

O grupo de pesquisa por mim coordenado só promoveu uma mesa redonda e, pontualmente, alguns debates individuais nas redes sociais. As demais ações foram promovidas de forma descentralizada por centros acadêmicos, coletivos de artistas e outros grupos de pesquisa e, claro, fui convidado para várias dessas manifestações. As reações imediatas e descentralizadas, inclusive aquela maravilhosa enchente de imagens de obras de artes “indecentes” do passado nas redes sociais, me fizeram perceber que ainda temos capacidade de reação e mobilização. Aliás, a “primavera anti-arte” (como ando chamando) teve um efeito extremamente positivo: nunca vi tantos discutirem arte e arte contemporânea neste país como nos últimos tempos. De um modo geral, percebo que os estudantes estão muito atentos às tentativas de censura e visivelmente interessados em aprofundar a questão, mas noto também que há uma “guerra surda” dentro do próprio campo acadêmico da arte entre, de um lado, aqueles que acreditam na potência perturbadora da arte, mas refutam ou ignoram peremptoriamente o “circuitão” e, de outro, aqueles que também acreditam na sua potência transformadora, mas estão atentos às benesses desse mesmo “circuitão”. O que me chateia é que essa polarização (muitas vezes imersa em slogans pueris) impede diálogos mais profícuos sobre a arte, seu ensino, seu usufruto e o papel do artista na contemporaneidade e, infelizmente, empalidece reações mais amplas,

uníssonas e contundentes contra esse vendaval de censura que vivemos. A proibição de acesso para menores de 18 anos à exposição “Histórias da Sexualidade”, inaugurada recentemente no MASP, é uma prova disso.

Percebe-se que tua atuação e comunicação nas redes sociais é frequente e muito crítica, o que parece evidenciar que credita a potência na comunicação, educação e formação também através da polifonia das redes sociais. Após esse episódio específico, que viralizou tua postagem na rede, bucaste estabelecer outros métodos e cuidados no uso dessa ferramenta?

Sim. Definitivamente me dei conta que as redes sociais constituem espaços potentes de convivência que, como quaisquer outros espaços, têm seus vícios e suas virtudes. Há algum tempo utilizo as redes sociais para orientações, debates e trocas profissionais as mais variadas e, inclusive, nosso grupo de pesquisa tem uma página no Facebook que facilita muito o trâmite de informações. A questão consiste em estar atento às possibilidades abertas pelas infovias sem deixar de lado a potencialidade dos (des)encontros presenciais. Essa polifonia das redes pode ser um instrumento transformador se os usuários das redes estiverem dispostos ao diálogo e à diversidade e é nessa possibilidade que devemos insistir. O desafio mais premente é não pretender que o seu discurso assuma foro de oráculo, de resposta pronta, definitiva. Toda polifonia carrega consonâncias e dissonâncias e com as redes não seria diferente. Por isso, a dialética continua sendo “O” método, dentro ou fora da virtualidade.

Segundo o Ministério Público, a mostra Queermuseu deveria ser reaberta na instituição de origem, pois seu cancelamento feria alguns direitos constitucionais quanto à censura e o acesso à cultura e educação. Esse fato não se confirmou mas, devido à pressão de artistas, críticos e população, a mostra foi aceita para ser reaberta no Museu de Arte do Rio (MAR), no Rio de Janeiro, no início de 2018, fato que também foi vetado pelo prefeito da cidade, que publicou nota oficial contra a mostra e pelo fim das negociações para sua reabertura. Nesse meio tempo, houve outro “escândalo” e a polêmica em ocasião da abertura do 35º Panorama da Arte Brasileira acontecida no Museu de Arte Moderna (MAM) em São Paulo, a respeito da performance “La Bête” do artista Wagner Schwartz. Ou seja, a onda de censura na arte se alastra pelo país. A arte há de ser nossa redenção ou perdição?

Os atos censórios se acumulam numa velocidade impressionante. Além dos casos que citaste acima, há notícias de interferências por todo o país e a mais recente é a lei aprovada pela assembleia legislativa do Espírito Santo proibindo exposições de “caráter pornográfico”. Essa “comoção” legislativa não é nova: remonta, no mundo moderno, às “orientações” do Concílio de Trento no século XVI motivadas pelo escândalo causado pelo “Juízo Final” de Michelangelo na Capela Sistina e passa pelo nazismo, pelo stalinismo e pelo maoísmo – para citarmos apenas três exemplos que deveriam permanecer frescos na memória social. Também não ficou no passado:

a primeira retrospectiva da obra de Mapplethorpe nos Estados Unidos causou uma polêmica monumental no Senado estadunidense, o que provocou a reação inclusive de filósofos como Arthur Danto. Não faz muito tempo que uma empresa de telefonia retirou em cima da hora seu apoio à exposição de Nan Goldin e que, por isso, acabou acontecendo no MAM do Rio.

Lá fora – como aqui – os neoconservadores não são burros, mas estão interessadíssimos numa educação que nos faça retornar à condição de cordeiros e sabem manipular muito bem o instinto de manada que arrefece a consciência crítica. Eles não são contra o conhecimento ou contra a arte. Eles travam, na verdade, uma guerra ideológica que pretende reescrever a história do legado da modernidade assente no Estado laico, na liberdade de expressão, nos direitos humanos e na visibilidade das minorias e dos que permanecem social e economicamente excluídos. Como bem afirmou a professora Rosana Pinheiro-Machado em entrevista recente, “o que está em jogo é a produção e a disputa de novos regimes de verdade sobre a humanidade”.

O “Movimento Brasil Livre”, o “Escola sem Partido” e os fundamentalistas cristãos têm uma agenda muito específica que claramente se opõe a quaisquer tentativas de ampliação e aprofundamento da ainda recente experiência democrática brasileira. A arte sempre teve um papel fundamental na percepção e na discussão sobre o corpo e, conseqüentemente, sobre tudo aquilo que lhe diz respeito: sexualidade, gênero, identidade, alteridade, espiritualidade, papéis sociais etc. Aliás, mais do que ser um veículo para a discussão de questões candentes do nosso tempo – o que a transformaria numa espécie de jornalismo –, a arte é antes de mais nada uma proposta de protótipos plásticos do pensamento (como bem argumentou Pierre Francastel). E esta que é a primeira e a mais nobre das suas funções, obviamente, desestabiliza e afronta os espíritos acostumados com a operação meramente denotativa do mundo, da natureza, do social e do humano.

Obviamente, a arte, como toda produção humana, não está acima do bem e do mal e nem pode prescindir do censo ético, mas pode e deve afrontar nossas hipócritas maneiras de lidar com a identidade e a diferença. Se a arte há de ser nossa redenção ou perdição? Há milênios que ela é nossa redenção e perdição. Não fosse assim, ela não sobreviveria a tantos ataques de mentes brilhantes ou sofríveis, de Platão à Kataguri.

A seguir, na íntegra e sob autorização do autor, a postagem pública do dia 10/09/2017 feita por Afonso Medeiros na rede social Facebook:

**A HISTÓRIA DA ARTE NÃO É HISTÓRIA DA CAROCHINHA.
O MUSEU NÃO É PLAYGROUND OU IGREJA.**

(Afonso Medeiros)

Em cartaz desde 14 de agosto no Santander Cultural de Porto Alegre, a exposição "Queermuseu – cartografias da diferença na arte brasileira" foi fechada pela própria instituição que a promove um mês antes de seu encerramento. Com curadoria de Gaudêncio Fidelis, a mostra reunia trabalhos de 85 artistas, entre nomes consagrados (como Lygia Clark, Leonilson e Adriana Varejão) e artistas marginalizados pelo mainstream do circuito das commodities culturais.

Assumidamente pensada para por em discussão questões sobre o corpo, o gênero, a sexualidade, a identidade e a alteridade (particularmente dentro de uma perspectiva lgbt), a mostra foi alvo de debates violentos nas redes sociais um mês depois de sua abertura por, segundo os inspetores do fiofó alheio, atentarem contra "a moral e os bons costumes" – leia-se: afrontarem "os bons valores da tradição, da família e da propriedade".

Infelizmente, essa comoção das "pessoas de bem" que, de um momento para o outro assumem o papel de críticos, teóricos e historiadores da arte pós-especializados em qualquer merda, não é novidade. Nem na história antiga e nem na história recente da arte.

As restropectivas da obra de Mapplethorpe no início dos anos 1990 já causaram virulência inclusive no Senado estadunidense – e, pasmem, uma delas passou incólume por Sampa nessa mesma década. Desde então, muitas exposições com obras explícitas de sexo/sexualidade passaram a mostrar tais obras em dark rooms, com avisos/advertências nas portas – verifiquei essa prática na exposição de Mapplethorpe há quatro anos e de Jeff Koons há dois anos, ambas em Paris.

Um cartaz da grande retrospectiva do pintor renascentista Lucas Cranach foi retirado do metrô londrino em 2008 por, supostamente, ser "pornográfico" (e se tratava de uma pudica vênus nua pra lá de quatrocentona).

Voltando um pouco mais no tempo, é bem conhecida a prática nazista de "condecorar" alguns artistas como produtores de "arte degenerada" e queimar suas obras em praça pública, pelos mesmos motivos alegados pelos "críticos" das redes sociais: pornografia, atentado à moral e avacalhamento dos nobres valores cristãos.

Retrocedendo ainda mais, não custa lembrar que o "David" de Michelangelo foi apedrejado quando exposto em praça pública; que a "Venus de Urbino" de Tiziano foi considerada a imagem mais indecente do Ocidente por mais de trezentos anos; que Paolo Veronese teve que encarar um processo diante do tribunal da Inquisição por "interpretar licenciosamente as sagradas escrituras"; que Goya também sofreu um processo da Inquisição espanhola por causa de "La Maja desnuda"; que "A origem do mundo" de Courbet só passou a fazer parte de um acervo público (Museu D'Orsay) mais de 100 anos após sua criação. Agora, imaginem se esses artistas tivessem recuado diante desses ataques moralistas... Muito do que os tais críticos pudicos consideram como "grande arte" simplesmente não existiria.

Mas a questão está latente também no Brasil. A reprodução de "A origem do mundo" foi retirada do site da Academia Brasileira de Letras há pouco anos atrás. Aqui mesmo em Santa Maria de Belém do Grão-Pará, duas obras de Picasso foram censuradas numa exposição que tratava do "erotismo" na obra do pintor espanhol. E mesmo artistas brasileiros já foram (e são) alvos dessas sandices – que o digam Márcia X, Yuri Firmeza e tantos outros artistas contemporâneos. Em todos esses casos, a alegação dos mesmos motivos: "atentado ao pudor, à moral e aos bons costumes", "deseducação das nossas crianças", "perdição", "pornografia", "heresia"... O escândalo é que museus e instituições culturais cedam a esse tipo de argumentação!

Portanto, não estamos lidando com nenhuma novidade. A arte e os artistas sempre enfrentaram os retrógrados, os conservadores e os pudicos hipócritas de plantão – quem nunca gozou com imagens explícitas do sexo e da sexualidade, que atire a primeira pedra!

O que espanta é que, em meio a essa "comoção", os "críticos" queiram decidir o que é ou não arte, supostamente baseados na concepção de que a "verdadeira arte" enleva, transcende, conforta, nos põe em contato com o numinoso, se torna um "alívio" ou expurgo das durezas da vida.

Respeitável público: arte não é religião, não exige reza e nem tem igreja. Pode propiciar, sim, uma suspensão momentânea do comezinho da vida e nos elevar aos céus (não necessariamente aos dos monoteísmos), mas comumente provoca, confronta, questiona e põe o dedo na ferida em tudo aquilo que é humano, demasiado humano.

Recentemente, eu e Márcio Lins vimos uma exposição sobre “Maria” em Utrecht (Holanda). A curadoria nos ofereceu uma leitura da mãe de Jesus mais abrangente, como uma das muitas figurações da maternidade, da fecundação e do feminino e, por isso mesmo, misturou anacronicamente à imageria artística mariana uma série de ícones de outras deusas, incluindo a nossa tão conhecida Yemanjá. Para sublinhar ainda mais certas questões embutidas na mitologia mariana, expôs-se também obras de artistas mulheres contemporâneas que trabalham com/sobre a condição feminina no presente. Dentre elas, a obra “Virgin of Mercy” (2005) de Elisabet Stienstra dá o que pensar: uma escultura em tamanho natural de uma mulher púbere nua, com a vagina não só à mostra, mas clara e realisticamente evidenciada. O que aquela escultura estava fazendo numa exposição dedicada à figuração mitificada da “mãe de Deus”? Estava exatamente ali para nos fazer pensar sobre o mito da virgindade, da docilidade e da submissão. Estava ali para nos fazer pensar sobre a construção machista (historica e culturalmente constituída) sobre o papel da mulher na sociedade. Considerando que a exposição foi montada num convento-museu, o nível do discurso simbólico tornou-se ainda mais palpável e, a propósito, a postagem da obra de Stienstra aqui no Facebook rendeu três dias de suspensão ao Márcio.

Muitos dos “novos críticos de arte” formados nas redes sociais salientaram que as obras expostas no Santander Cultural não deveriam estar num espaço público e eu bem sei (porque pesquiso o tema há anos) que a exposição do corpo, do sexo e da sexualidade acaba recaindo na querela entre público e privado. Trata-se de uma falsa questão, muito de acordo com a hipócrita moralidade da sociedade ocidental. Templos indianos exibem casais em enlevos carnais explícitos para quem quiser ver. Muitos dos mais belos exemplares da arte oriental na arquitetura, na pintura, na escultura e na gravura mostram casais (inclusive homossexuais) de humanos e animais em divina fornicação. Para não irmos tão longe, bastaria lembrarmos da pintura em vasos gregos ou do nosso carnaval com corpos deliciosos e sedutoramente desnudos. Quem nunca viu homens e mulheres travestidos nos carnavais de rua Brasil afora? E nem vou falar da erotização precoce de nossas crianças promovidas pela publicidade, pela televisão e pelas próprias famílias que consomem acriticamente toda a parafernália da indústria cultural.

Ora, se o mais comum dos mortais neste pedaço do planeta – onde “não existe pecado do lado de baixo do Equador” –, pode expor suas carnalidades e suas fantasias sexuais publicamente (graças a Deus, mesmo quando lhe convém), porque o artista não pode? Se essas questões foram postas em discussão numa instituição cultural às custas do dinheiro público, qual é o problema? O dinheiro público só deve servir à manutenção do status quo? “Santa hipocrisia”, diria aquele antigo namorado do Batman.

Se as senhoras e os senhores inspetores do cu alheio não querem que seus filhos vejam tais “perversões”, não levem seus pequerruchos aos museus e à Capela Sistina!

Museu não é playground e muito menos igreja. Arte não é só evasão da realidade, entretenimento ou “diversão sadia”. A arte comumente nos desestabiliza, nos confronta, nos questiona e, num jogo de espelhamentos, nos pergunta sempre: Por que isso te incomoda?

Não são os artistas que devem ser silenciados, senhoras e senhores! Observem-se nas obras deles para, a partir de então, se perguntarem sobre os abismos de sua própria humanidade repressivamente silenciada.

Mas isso já é pedir muito numa sociedade que não consegue nem perceber as profundezas da metáfora, do poético e do humano ou que, cedendo a um analfabetismo visual constrangedor, não consegue ler uma imagem além do denotativo e do literal.

E, finalmente, um adendo histórico para os que tiveram faniquitos sem nem mesmo terem visto a exposição e foram encerrar suas contas no “Santander Comunista”: a “grande arte” (cheia de saliências) que vocês tanto admiram foi patrocinada, em grande parte, pelos banqueiros e pelo clero... Há 500 anos!

Por essas e outras, deixo aí embaixo o sorriso maroto de Madame Louise...

Tristes país. Tristes trópicos.

(10/09/2017)

(Imagem: Louise Bourgeois by Robert Mapplethorpe)